

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Artes

Departamento de Arte Dramática

Trabalho de Conclusão de Curso:

Precisamos Falar Sobre as Cores:

A Re-(e)xistência transmasculina em um diálogo com a cena.

Ralph Duccini

Orientador: João Carlos Machado

Porto Alegre - RS

2017.2

SUMÁRIO

Apresentação	p. 3
1- Sarah	p. 4
2- XY: Conceito Alfa	p. 9
3- 2 Fudid*s	p. 16
4- Precisamos Falar Sobre as Cores	p. 33
Bibliografia	p. 38

A presente reunião de textos a seguir, deveria no meu TCC no bacharelado em Teatro, com habilitação em Direção Teatral. Ela deveria ser uma reflexão sobre minha prática artística na atividade curricular de Estágio de Montagem em Direção. Mas diante da necessidade da afirmação da própria existência, e a suma necessidade de sua ressignificação enquanto matéria poética, venho por meio desta apresentação dizer com toda a honestidade que me cabe enquanto ator, diretor, escritor, artista e principalmente homem transgênero, que os seguintes ensaios, não consistem em pesquisas acerca de temáticas referentes exclusivamente à encenação. Antes disso, são frutos de uma pesquisa pessoal que tem como marco zero o reflexo do momento em que, em cena, decidi assumir publicamente minha identidade de gênero.

1: Sarah

"Direção Coletiva

*Dramaturgia original a partir das peças de Sarah Kane:
Blasted | Cleansed | O Amor de Fedra | Crave | Psicose 4:48*

Hipólito: Diogo Verardi

Cate: Keka Bittencourt

Fedra: Suzane Cardoso

Médico / Soldado: Bruno Fernandes

Sarah 1: Juçara Gaspar

Sarah 2: Aline Bjerk

Sarah 3: Ralph Duccini

Prólogo

SARAH 1

Estou triste, eu sinto que o futuro é sem esperança e que as coisas não podem melhorar.

SARAH 2

Eu estou cheia e insatisfeita com tudo;

SARAH 3

Meus quadris estão muito grandes e eu não gosto da minha genitália.

HIPOLITO

*Às 4:48 quando o desespero visita eu vou me enforcar ao som da respiração do meu amante.
Um velhinho foi ficando cada vez mais paudurizado com as frequentes e violentas bronhas que ele batia. Às vezes ele ficava horas socando uma no banheiro, só porque era lá que por acaso ele estava quando o tesão começou. Finalmente, nos momentos de calma, ele pegava garrafas de leite da geladeira ou da porta e gozava nelas. Seus netos não conseguiam entender porque achavam garrafas de leite azedo em todos os lugares da casa".*

1.1 - Não me Deixe Esquecer

1º de abril de 2015. Sala Álvaro Moreira. Projeto Novas-Caras. Estréia: um dia após meu aniversário de 23 anos. Sentadas no meio da terceira fileira, no horizonte de meus olhos, minha mãe e minha ex-namorada. Lado a lado. Primeira cena: masturbação. Uma *punheta* no escuro que explode lavando o palco com champanhe. Depois do orgasmo, a tormenta. Investigamos e expomos a escuridão humana. Luzes que mais escondem que revelam. Os maiores crimes que podemos cometer...

A nós mesmos: ser quem somos. Sete cenas atrás, tudo despedaçado. Fragmentos. *Hermafrodita em pedaços*. Corpos que rastejam como baratas no escuro. De quatro, com os cabelos sendo puxados até a coluna envergar. *Mas você tem amigos... Você tem muitos amigos*. Muitos... Todos eles dentro e fora do palco. *O que é que você dá aos seus amigos que faz com que eles te apoiem tanto?* Conversa distante com o meu primo em julho. Meses depois. Olhos castanho-claro refletindo o brilho da cerveja. Reunião de homens envolta da churrasqueira. A masculinidade não é uma surpresa, mas ela tem regras. Assumir, do latim: *tomar para si; aplicar*. Sinônimo possível: *admitir. Revelar-se*. Em cena... Despir a si mesmo. Lentamente cada botão da camisa é aberto pelos meus próprios dedos.

Corpo aberto, desnudo. Peito de fora: dois balões inflados que falam por si mesmos. Na linha de frente, o encontro. Perigo. Atingido pelo *estrobo*¹ de quatro olhos vibrantes. Pau pra fora da cueca. Ereto em mãos, na altura do rosto. *Eles sabiam o meu nome, cada um deles, enquanto eu escapava feito um besouro subindo pelas costas de suas cadeiras*. Contra-ataque. O medo da exposição agonizando o corpo de dentro para fora. Olhos nos olhos da senhora de quase 60 anos. *Por favor, me promete nunca mais fazer um menino em cena*. A razão para o fim do amor. As mãos se soltam: queda-livre. *Lembre-se da luz e acredite na luz*. A máscara se rompe e revela o mais íntimo de nós. Um pênis que bóia em um balde de leite. *Não me deixe esquecer*.

1

¹ Luz estroboscópica.

1.2 - Isso Tem que Parar

Isso tem que parar... O amor declarado que se sufoca até a sua morte. Um afogamento dentro de si mesmo e da relação. O que antes era laço vai tornando-se nó. Asfixia. Enquanto coletivo de encenadores, foi definido que a cena recorte da peça, "Crave", seria de direção colaborativa. Os ajustes cênicos e de disposição espacial, foram retocados pelo olhar inclusivo de Leonardo Jorgelewisk. O monólogo, por afinidade com o tema, e concepção criativa, tinha ficado ainda em 2014 vinculado a mim e a própria atriz (Keka Bittencourt). Trabalhamos inicialmente sob o aspecto da análise da própria estrutura do texto: sem pausas, sem vírgulas, sem parágrafos. Um sufocamento, o texto que vai engolindo o próprio sujeito da fala. Esse amor interminável, fluído, que devido à sua intensidade, posse e co-dependência vai se tornando opressivo até o ponto de se destruir e destruir as partes envolvidas.

Sob esse aspecto, tínhamos como recurso poucos objetos, e havíamos decidido que o monólogo seria dado de forma limpa e clara, priorizando a própria força cênica do texto. Com poucas ações físicas, focando na ação vocal e na relação entre os dois atores expostos em cena nesse momento. No plano de fundo, as três Sarahs estariam simbolizando essa asfixia de forma literal, compondo corporalmente o quadro, afogando-se em baldes de 20L contendo leite em pó dissolvido, respirando apenas em momentos específicos do texto. Trabalhamos a preparação do monólogo com exercícios de investigação dos múltiplos sentidos do texto, visando essa opressão presente no próprio discurso textual. Pressionando, impedindo, sufocando a Keka, com o tecido e com os corpos, envolvendo-a e amarrando-a enquanto ela se esforçava em dar o texto com o objetivo de alcançar o personagem Hipólito, na época feito por Diogo Verardi. Conversas extensas. Correria interminável com o texto sendo dito. *Fala pra mim, me olha e diz...* Gritos. Silêncios. Investigamos também questões mais específicas de técnicas ligadas ao fôlego, através de exercícios de respiração e de exaustão física, os ressonadores utilizados na fala durante a cena e também as nuances e subtextos que o próprio material propunha enquanto estímulos para a atriz.

Seguindo em cena, lateral direita do palco, fundos. Peso do corpo sobre os joelhos com a cabeça apoiada na borda do balde. *O que você quer? Morrer.* Afunda. Durante todo o monólogo a suspensão da última respiração... *E vagar pela cidade e achar que ela está vazia sem você.* Cabeça que se baixa lentamente e afunda. O som se dissipando no eco das paredes de plástico e no borbulhar da respiração submersa. Cheiro de leite e melão. Comida de bebê. A sensação do toque frio indo de encontro aos olhos quentes de lágrimas: *e pensar em quem você é e te aceitar de qualquer jeito.* Eu vou te falar sobre o garoto da floresta encantada que atravessou o oceano porque te amava. Primeiro de abril e isso não é uma mentira. Pensar sobre quem eu sou, enquanto meus olhos cruzam os seus na plateia. A pressão do falo comprimido entre as coxas. *How many roads must a man walk down before you can call him a man?* Luzes verdes se acendem. Verdes como os seus olhos... O fim daquela estrada. *Isso tem que parar...* O derradeiro movimento em direção ao término do caminho. O único jeito *inaceitável.*
Escuridão.

1.3 - Fora da Cidade Eu Falei pra Minha Mãe

Você morreu pra mim. Não. Não é isso. Se eu pudesse me livrar de você sem te perder... Às vezes isso não é possível. *(Um silêncio muito longo)* Eu nasci no dia 31 de março de 1992, às 8:45 da manhã, na Casa de Saúde Nossa Senhora da Aparecida, em Paracambi, a última cidade da baixada fluminense do Rio de Janeiro. Filho de Marcos Aurélio Boa Nova Duccini e de Nora Ney Ferreira da Silva Duccini. Fui criado na infância pela presença da minha mãe mais do que pela ausência do meu pai. Tive uma criação ambígua até o começo da adolescência, no campo, rodeado por outros homens, desde cedo me foram instruídos os conceitos da virilidade. A dominação mental. A força física. O desempenho e a dominação sexual. A competitividade. A não demonstração dos sentimentos. O segredo. O silêncio inquietante. A seriedade. A desenvoltura social. Tudo isso em lugar do afago, do abraço, da permissividade do medo, da fragilidade, da sensibilidade, da horizontalidade efetiva nas relações. Provar(-se). Provar a si e perante os outros. Alfa. Beta. Ômega. Letras gregas tornadas conceitos hierárquicos.

A função do coletivo: horizontalidade. Enquanto atores-diretores, estávamos dentro e fora de cena, trocávamos de posições numa busca pela ausência de hierarquia. Como conciliar os nove egos diante da criação? Como compreender as decisões do outro e da voz sem sobrepor-se? Foi preciso desconstruir o mito da categoria, dos anos de experiência e da "carreira". O processo foi indisciplinado, mas constante. Aprendemos a escutar uns aos outros, escutar nossos conflitos e nossos afetos. Além dos códigos hierárquicos pré estabelecidos, relacionar-se.

1.4 - Às 4:48 Quando o Desespero Visita

O que falar em um TCC depois de um golpe de estado? O que falar quando os dias ficam escuros e até o verão insiste em escapar? Trabalhávamos sobre a escuridão humana. Dissecamos as relações de violência que permeavam a obra de Sarah Kane, e quais acreditávamos também ser a causa de sua angústia tornada loucura pelos olhos dos outros diante da clarevisão. Trans-lucidez. E agora a escuridão toma forma política e pulula nossos pesadelos de madrugadas insones. Retrocessos sócio-políticos, MBL, recessão, a sombra do fantasma da ditadura, partido monarquista e os filhos sem dente dos painéis de 2016: *Eu estou cheio e insatisfeito com tudo*. Eu vi a UERJ fechar as portas e o estado do Rio de Janeiro falir. Exposição no Santander fechada (enquanto eu estava em Salvador), avanço da presença da Igreja (Evangélica) no Estado, em Belford Roxo um terreiro de Candomblé foi quebrado e destruído por traficantes do TCP... Gira de umbanda ao por do sol no dia dos finados, o dia do aniversário do meu avô, um conservadorismo que galopa pelos céus como uma epidemia, e sou eu que me sinto doente. A permissividade de "Cura Gay", um CID² que me autoriza a ser quem sou mediante um diagnóstico. O medo da loucura e do hospício: o mesmo que minha tia que morreu anos antes de eu a conhecer. A mesma sala de paredes brancas onde Sarah Kane se enforcou com um cadarço de sapato. E embora exista o ódio... Não, *ninguém está acima da redenção*. Eu fui a primeira pessoa que ele viu quando chegou de viagem, e mesmo assim, eu não estava lá.

Então, como vocês ainda esperam que eu escreva um TCC sobre direção? E se houver um eterno conflito entre o escritor e o diretor? E se o Caos não permitir Apolo? E cole aqui citações já selecionadas de Paul Preciado... Posso citar todo o "Manifesto Contrassexual" se vocês quiserem e discorrer sobre os malefícios sociais e psicológicos que a virilidade tem causado a nós faz séculos. Mas não é isso o que eu vou fazer. A única coisa que posso fazer é compartilhar a minha angústia. A minha experiência e minha memória. Tudo distorcido pelo delírio da imaginação atormentada por páginas e páginas de burocracia, e anos de pressão psicológica acumulada sobre o sucesso acadêmico. Eu sou o monstro de mim mesmo e meu nome é Vazio.

Às 4:48 quando o desespero visita, eu vou me enforcar ao som da respiração da minha amante... Como falar sobre Stanislavski, Eugenio Barba, Grotowski, Anne Bogart? Como falar sobre Ataud ou até mesmo Brecht, se tudo no entorno é tão risível quanto pet-molotov e tão doloroso quanto o uivo de um lobo na imensidão ultramarina do céu? Somos colonizados pelo olhar do outro. Terra de brasa acesa que mal resiste em não se apagar. Eu não consigo falar sobre o que não é meu. Devorador de mundos. Não consigo falar com todos esses séculos de expropriação. Quero falar verão, quero falar buceta, quero falar o proibido, quero falar só o que é visceral. A colonização aristotélica, nesse momento, não me interessa. E isso não é um pedido.

2:

XY: Conceito Alfa

"Pagar as contas, lhe alcançar os cigarros, oferecer os cigarros, porém nunca lhe comprar um maço: tornar-lo(s) dependente do meu desejo de fumar, na real, você só gosta de fumar quando eu fumo, aspirar minha fumaça, o seu desejo de fumar é o meu desejo de fumar, o seu desejo de foder depende do meu desejo de te foder, não responder diretamente suas mensagens, se diz: "estou com saudades", escrever, "tomando um café com Stephanie, te chamo mais tarde", quando terminar as mensagens com "Te amo", demorar vinte minutos para responder. Nunca entrar no banho junto, e se entrar enquanto se banha, ponha aos seus pés e obrigue a te chupar..."

(Paul Preciado - Testo Yonqui)

2.1 - Quem existe são apenas as pessoas com lanças e escudos

Iniciei um novo processo durante a disciplina de Ateliê II, com orientação de Patrícia Fagundes e Ana Zanandréa. A orientação dramaturgica foi feita pelo professor Clóvis Massa. Era um trabalho, mais uma vez, de direção coletiva. Agora, em dupla. Trabalharíamos juntos, eu e Sandino Rafael. Os atores eram Guilherme Conrad e Diogo Verardi. Nesse momento da graduação eu já havia começado meus estudos na teoria *queer* e na construção da masculinidade. O tema era livre, precisávamos apenas apresentar uma concepção prévia do projeto. Eu queria falar sobre a construção da identidade masculina, o Sandino queria trabalhar com "Laranja Mecânica" e outras referências cinematográficas. Por fim, entramos em acordo: A construção da identidade masculina a partir da cultura pop de violência.

2.2 - Temos um sócio no clube dos canalhas...

Desde 1999 eu tinha uma prática, de certa forma, um pacto com Mateus (minha amizade de mais longa data). Lutaríamos para disputar o status de *alfa* entre ambos. O outro, a partir da derrota, *beta*, deveria cumprir respeito perante o vencedor. Uma atitude primitiva e um tanto estúpida. Esse processo de batalhas, que tinham poucas regras, se deu até 2015, com um empate. No ano anterior, houve minha primeira derrota.

Desde os nove anos nós lutávamos. Desde os oito anos pratico artes marciais (hoje em dia sem certa regularidade). Não sou mais forte, mais rápido, nem mais técnico que o Mateus, mas segundo ele mesmo me disse, eu tinha mais "espírito": mais coragem e determinação. Características vinculadas, inclusive, aos requisitos básicos da virilidade. A sensação advinda da derrota foi a de humilhação. Hoje me envergonho um pouco de tudo isso, mas na época, a sequência de mais de 12 anos de vitórias me orgulhava. Compactuar com o sentido e a manutenção da virilidade, era algo, que de alguma forma silenciosa e paradoxal, eu achava, até os meus 23 anos, ser uma pequena vitória contra a cisnormatividade.

Esse conceito de *alfa* me perseguiu durante toda a vida, até o momento de sua ruptura, com a possibilidade de olhar a partir do lugar do outro. Do perdedor. Eu poderia

dizer que em teoria sempre estive nesse outro lugar. Mas o lugar que eu ocupei, dentro das minhas relações masculinas, sempre foi dúbio. Durante muitos anos eu ficava numa linha tênue entre homem e nada. Não digo mulher, porque eu só era lido assim pelos ciclos sociais mais distantes. Entre meus amigos, eu era como me chamavam na época, "um ser amorfo". O traidor de todas as calças.

A virilidade, baseada nas relações de poder e desigualdade, consiste num código moral que exalta as "virtudes" e a "natureza" do masculino. Uma tradição imemorable e inalcançável, que permeia os modelos sociais desde a antiguidade. Permeia e conduz dentro dos seus mitos bélicos e reais. O homem viril é aquele que, no mínimo, dentre sua maioria atinge suas virtudes: Coragem, lealdade, resiliência, resolução, responsabilidade pessoal, auto-suficiência, integridade e sacrifício. Os modelos nos quais essas características estão inseridos são claros, é o conquistador, o sedutor, o comandante. O guerreiro. O caçador. O provedor. O aventureiro. O Imperador (na última vez que joguei Tarot a carta que saiu pra mim foi essa, carta IV, e isso me entristeceu). Todos eles passíveis de representação desses arquétipos viris, que são impostos goela a baixo para todos os meninos, na esperança descabida, de que um dia atinjam esse patamar individual de *alfa*. Aquele que comanda. E obviamente, os que não atingem tais patamares, aqueles que obedecem.

Não sendo cis, e tendo uma quedinha por mitos e animais selvagens desde a mais tenra infância, eu estudei o comportamento masculino como quem devora um romance, linha por linha, em uma voracidade capaz de rasgar as páginas que manuseia. Eu estudei, e pré-potente como sempre fui, me apropriei dos comportamentos mais exaltados pela "virilidade". Era forte, ágil, de pensamento claro e linguagem precisa, destemido, independente, leal aos meus amigos, temido pelos outros. Porque, como já diria meu pai, grande exemplo da masculinidade que jamais quero seguir na minha vida: *Na baixada você só vale o medo que representa*. Eu desafiava os outros homens, me punha acima deles jogando com suas próprias regras. Era o lobo alfa, aquele que comanda a alcatéia.

Hoje, não assumo mais títulos. Todos me reconhecem enquanto homem, e ao invés de tentar fundamentar minha identidade numa masculinidade permeada por conceitos viris, eu questiono a minha própria. Não quero um biscoito por isso. Entre o mito de Édipo Rei, Orpheu e os lobisomens existem lacunas onde a crítica persiste.

Julgamos uns aos outros perante as lentes do machismo, do falocentrismo e do egoísmo. Fazemos músicas e dançamos para exaltar o nosso poder, mas qual é ele mesmo? Eu rasguei minha carteirinha de sócio no "Clube dos Canalhas", destituí de mim mesmo o título de *alfa*, apoiei a espada na parede e passei a desenvolver simpatia pelo "demônio".

2.3 - O Pau do Brad Pitt

"Acho que não, nenhum traço biológico único me definiria como homem, além do pau e bolas. Pêlos e barba são produto da testosterona, o jeito ogro de ser não é uma característica geral do homem. Acho que o que me define como homem é a minha identidade de gênero e sexualidade, hétero cis. kkk".
(Entrevista feita com Marc Siqueira em 2015 para o projeto XY)

"Eu pensei que o que me define como homem são "atitudes" de homem. Pode parecer meio antiquado, mas as atitudes que tomar e aguentar as consequências, (é o) que te define como homem. Exemplo: se você faz algo de errado e acha que está certo, aguenta as consequências dos seus atos e fale "eu fiz", claro isso englobar um caralhão de coisas certas ou erradas. Eu chamaria de "Hombridade", mas aí também entraria, ter palavra.. e etc. Então seria mais que uma definição em apenas uma definição, não sei se deu para entender. Parece meio cavalheiresco, mas todo homem precisa ter um "código de honra" na minha "concepção", algo que manteria até o fim. Por mais ruim que seja, saber que é demasiadamente humano (isso todos esquecem, até eu as vezes)... Não sei explicar isso, mas engraçado pensar nisso, pois não dá para definir um homem (ou qualquer pessoa) só falando adjetivos.

1- "hombridade"

2- Código de honra ou conduta

3- Instinto Protetor ""Masculino"" (biologicamente falando)

4- Instinto Protetor ""Feminino"" (biologicamente falando)".

(Entrevista feita com Felipe Bastos, em 2015, para o projeto XY)

As perguntas eram simples: O que te define como homem? E cite características que compõem o "ser-homem". Duas, das muitas respostas não muito destoantes, me chamaram a atenção. A sexualidade hétero cis e o código de honra. Perante a virilidade está prevista a dominação sexual, a ampla prática sexual indiscriminada, desde que penetrante, e a potência sexual. De outro lado, todos os códigos morais que são as virtudes comportamentais do homem perante suas relações políticas. As exigências sociais. Fiquei intrigado como questões tão limitadoras definiam o "ser-homem", e todas

as respostas de certa forma se repetiam, trazendo à tona as influências mais gritantes do mito da virilidade.

A pesquisa era sobre a influência da cultura de violência. Cultura Pop: videogames, cinema, música, desenhos animados, HQ's, redes sociais. Uma gama de referências para a construção da identidade de vários sujeitos masculinos, e a maioria girando em torno do mito do guerreiro. Vivemos numa sociedade competitiva, capitalista e em expansão. As distâncias entre "mito" e "realidade" estão cada vez mais imprecisas. O real e o virtual se confundem, são partes de uma coisa só. Então como esse mito é trazido para os dias de hoje e travestido com a figura do "homem real", de carne e osso? O *Facebook* e a internet podem ser capazes de responder.

Investigamos páginas no *Facebook* e *blogs* como *Sujeito Homem*, *Orgulho de ser Hétero*, *Homem Viril*, *Confraria Masculina*, *O Homem Católico*, *Art of Manliness*, *Modéstia Masculina*, *Tudo para Homens*, *Papo de Homem*. Nos assustamos mais com a realidade que com a ficção. As páginas eram de conteúdo machista, ofensivo tanto para homens não-héteros quanto para mulheres. Um discurso bio-cientificista, de auto-ajuda, tentando elevar uma moral masculina que toma como base o sucesso financeiro, a frieza emocional, a força física e a dominação pessoal e sexual em relação às mulheres. Os homens, cis, héteros, normativos, sentem medo. Estavam todos apavorados gritando de cima de sua jaula. O monstro da igualdade se aproxima, diziam eles.

Assistimos a filmes do diretor Quentin Tarantino, dando atenção especial a *Pulp Fiction* e *Kill Bill*. Discutimos "Laranja Mecânica" e "Clube da Luta". Revisitamos jogos como "Mortal Kombat", "Medal of Honor", "007". Ouvimos bandas de rock e metal do século passado. Durante as pesquisas, percebemos que além dos mitos de força e dominação, tudo girava, de certa forma, em torno do pênis. Uma ode fálica. Ao mesmo tempo em que o pau deve ser protegido, sem expô-lo em demasia, ele deve ser exaltado, glorificado de joelhos, em toda forma simbólica que ele ocupa, seja na arquitetura, nos objetos de uso cotidiano, ou na linguagem. De forma subliminar, e já condicionada, o pênis estava presente em todos os momentos.

Com base nas referências, começamos a trabalhar jogando com a forma que eram apresentados os *memes*, cheios de duplo sentido, ordens e pseudo-conselhos com ares de sabedoria. Fizemos trabalhos de máscara neutra investigando os elementos fogo e terra.

Exploramos os possíveis estereótipos masculinos que poderiam existir dentro dos atores. O mito da psicopatia. Os casos de assassinato em massa como o sintoma mais alarmante de uma cultura de violência que agride e mata silenciosamente todos os dias. Como homens gays, os atores sabiam disso muito bem. Exploramos o erótico: uma cena de tortura que parecia um jogo de Sado-masiquismo. A dominância consensual, e a vingança de quem é dominado.

E se *Deus* fosse o pau do Brad Pitt, como aparece no *take* do filme, onipresente, onipotente e onisciente? *Easter-Egg*. Não fazíamos um trabalho de desconstrução, era muito mais uma análise para entender como funcionava. Como essa cultura pop falocêntrica de violência tinha, sim, nos influenciado, e feito parte constituinte das nossas identidades e masculinidades fosse nos apropriando de fatores, experiências participativas, ou rejeitando tudo isso. Estávamos sempre em relação com essas fábulas.

2.4 - Todo Homem é Um Homem, Mas Nem Todo Homem é Um Homem Como o Outro Homem é

Parece um trava-línguas, mas não é: nem a masculinidade nem a virilidade são inatas. Elas são ensinadas desde a mais tenra infância com seus códigos e regras. Símbolos e fetiches que reafirmam conceitos e alimentam estereótipos. Primeira regra: Nunca falar sobre a masculinidade. E nós éramos quatro, dispostos a falar sobre algo muito próximo e distante. Primeiro ensaio: mesa de bar. Conversa sobre a vida: video-games, esportes, escola, sexualidade; 2 pansexuais e 2 homens gays; 3 gaúchos, 1 carioca; 3 pênis, 1 buceta (e alguns *packers*). Ser homem diante dos olhos de outros homens, não era sobre esse mito homoerótico que a masculinidade falava?

A masculinidade não está distante do Mito. Na verdade, ela se apóia em mitos e conceituações simbólicas em sua estrutura. O mito, contudo, é mutável. O gênero é um símbolo. Então a masculinidade, antes intocado tabu em nossa sociedade dominada por homens, quando posta em discussão, pode ser mudada. E por ser mutável, chega-se ao momento da reconstrução. Momento esse que, nos auge de 2017, estamos começando a engatinhar. Uma reconstrução subjetiva do conceito da Masculinidade. Será que construiremos masculinidades agarradas em outros mitos, em mitos menos violentos?

Será que construiremos masculinidades agarradas em outros mitos, em mitos menos violentos? Será que entenderemos que nosso auto-sacrifício não é necessário e que os Sísifos não precisarão carregar rochas imaginárias? Os tempos são de horizonte, de compartilhar. De entender de onde se fala, e de saber ceder a vez... *Todo Homem é um homem, mas nem todo Homem é um homem como o outro homem é.*

Percebendo a aproximação com o Mito, sugeri uma tarefa a Guilherme Conrad. Entreguei o capítulo "O Mito do Herói", do livro "O Poder do Mito" de Joseph Campbell, para ele ler e pedi que, em uma semana, trouxesse uma performance acerca das provocações e temas que a leitura o causasse. Guilherme se focou no Rito de Passagem. Na semana seguinte ele apresentou uma cena-ritual. Pensando nos ritos indígenas, como o rito em que o menino se vê diante de uma luva cheia de formigas em que tem de por a mão dentro e suportar, e em como esses ritos se transpuseram para o dia de hoje. Ele trouxe uma coreografia repleta de ações, acrobacias e imagens, ao som de "Please Don't Let Me Be Mistunderstood", na versão de Santa Esmeralda, tal como no filme "Kill Bill". Primeiro, a mão que entra na luva; o corpo que sangra. O *phalo*: bastão, espada, rifle. Sabre-de-luz *verdeyoda.gif*. Foto em movimento: não se nasce homem, torna-se. Uma legião de ossos que atende por apenas um nome...

2.4 - Medo de Baratas

O masculino nos é dado inicialmente como uma antítese ao feminino. Aprendemos a subjugar o feminino como sinônimo do negativo. Desconhecemos no feminino a independência ontológica do ser. Sempre em relação a, criamos um mito de mistério. Outro Tabu, o da vogal "a".

Desde que me mudei para Porto Alegre passei a ter um medo irracional de baratas. Não sei se foi por causa do primeiro apartamento, em que elas co-habitavam livremente em momentos de tensão, ou algum outro motivo. Mas hoje em dias possuo um medo irracional. Uma noite, eu estava bebendo cerveja com alguns amigos em Paracambi. Uma barata, muito audaciosa, decidiu subir a exata cadeira em que estava sentado. Rapidamente me levantei e me coloquei ao lado da mesa. Então, Gustavo, que estava até então bebendo sua cerveja, levantou-se rapidamente e levantou a voz para mim: Raspa o bigode, lek. Raspa essa merda quando chegar em casa! Po, tá com medo de

barata? Pode tirar, não merece usar esse bigode não. Misteriosamente bigodes e baratas não combinam, e pelo visto, só eu não estava informado...

3:

2 Fudid*s

*Mas chega aqui, deixa eu te mandar a real: 2 Fudid*s me fodeu, e me fodeu bonito. Assim, oh, sem massagem. A seco, pq o bagulho é doido e os muleque é ruim. E sem esse kaô de vir dizer que é maneiro trabalhar comigo, que pra mim a parada direção é só uma, entrega. Pra mim o diretor é aquele que se doa pro processo e pros atores, é quem vai em busca de estímulos criativos, de traduzir símbolos em signos compreensíveis e compartilhados, porque teatro é troca e encontro, e se não rola a troca, não rola nada. Não adianta querer ser... A Anne Bogart vai falar que se teatro fosse um verbo seria lembrar. Olha, tô pra te dizer que pra mim é doar...*

Andaimos. Prédios de ferro. Jornal. Armação. Trabalho. Gambiarra. A estética do Hip-Hop e do funk, das ruas, em cena, no corpo dos atores, nas vozes, na rima. O lixo. O trabalho de recolher. Amontoar. A violência. A apologia ao crime. Mito: tornar-se lenda. Incumbir-se de valor aos olhos do outro. Ser-em-relação. Ao efêmero. Ao papel que se rasga. O sangue que se derrama. A morte. Obituário. Jornal rasgado. Notícia ultrapassada e esquecida. Um monte de letras, que se não postas em conjunto, tornam-se frágeis. (Im)possível compreensão. O amor disfarçado de ódio e desprezo. O amor que é negado, por considerar-se incorreto. O preconceito e as normas de conduta.

Pessoas. Nós mesmos. Atuação. Animais: Vira-latas. Uma mescla entre níveis de atuação. Não representativo, mas simbólico. A investigação. Do silêncio. Dos olhos. Quem é você? Eu? Nós... que desatam em busca de uma técnica. O processo. Investigar a alteridade. O que eu sou perante os olhos do outro? O que eu sou no outro? O que o outro é? Comigo e sem. A pertinência da temática e dos assuntos. O relevante não é de todo relativo.

Bem, meu método foi a escuta. Tateamos por quase seis meses no escuro, sem saber para onde estávamos indo. Todos os exercícios com base no Teatro Fórum, do Augusto Boal. Os exercícios de imã, contato improvisação, diagonais, jogo da bolinha,

encontro, quem é você? A gerúndia? Realmente importa dizer qual foi o caminho que usamos, se a única coisa que realmente permaneceu foi a presença da terceira pessoa no singular. Aquele ouve, vê, ausculta quando o jogo acontece. Ser aquele que presencia, é isso o que tenho a dizer sobre o trabalho do diretor após este processo.

3.1 - Carta #1

"F: Quem é você?"

R: Eu sou Regina, eu sou atriz, quase psicóloga, eu sou irmã da Elisa, eu sou vizinha, eu sou amiga, eu sou filha do prefeito de pinto bandeira, eu sou bissexual, eu sou vizinha inconveniente, eu sou, eu sou, eu sou... Eu sou a porra que eu quiser ser".

(Cena 5 - 2 Fudid*s)

Re,

quando eu te conheci você ainda não era a filha do prefeito de Pinto Bandeira, seu avô ainda era vivo e você ainda namorava o Dalvan. A Elisa ainda morava nos Estados Unidos, e eu nunca tinha ido a Bento Gonçalves. Conforme os anos passaram nós mudamos quem nós éramos até chegar neste instante em que nós somos, e eu quero lhe expressar a imensa gratidão que eu sinto por isso. Trabalhamos por nove meses nos questionando: QUEM.É.VOCÊ.?. E quem sou eu que falo agora contigo?

Vocês criavam momentos de Teatro. Você e o Fabrício, nas longas horas de improvisação quase a beira do silêncio. O problema no volume da voz é que por meses trabalhamos na penumbra do inaudito, na intimidade quase sussurrada ao pé do ouvido. Quando precisamos expandir, era preciso trabalho em dobro pra se escutar a longas distâncias. Começamos no micro para depois expandir. E isso se deu no trabalho inteiro. E nesse processo, de certa forma, eu posso dizer que fui um *voyeur*. Eu captava quando os momentos aconteciam, e registrava quase num delito. Terceira pessoa no singular.

Re, você tem esses olhos de raposa que se você se descuida transparece por trás do sorriso do Paco, e você deixa completamente de ser má. Discutimos por meses até que ponto poderíamos fazer esse trabalho. Olha pro lugar que nós ocupamos. Mas, enquanto artistas, não é isso, criar a possibilidade de um outro mundo real? Uma interpretação,

pessoal, humana. Ao menos, foi isso que escolhemos fazer. Comentaram sobre a falta de verossimilhança do Paco e do Tonho no começo da peça. Quem me disse isso foi uma pessoa que mora na vila Santa Tereza. Mas também, essa pessoa foi quem me falou que depois da cena do "Quem é você?" e da cena do espelho, fica mais crível, mais palatável. Fica menos difícil de comprar o jogo.

O Leo falou aquela coisa sobre a linguagem clara. A linguagem foi a coisa com a qual eu mais me digladiiei ao longo da construção da peça. Uma hora, okay, eu sabia qual ia ser a dramaturgia, como a peça ia acontecer e como as coisas iriam se encaixar para criar um certo sentido (com linha de intensidade dramática, terminando no clímax geral). São duas linhas de ação. A linha Regina e Fabrício (atorxs) e a linha Paco e Tonho (personagens), e na cena 5, essas linhas se misturam. Fico pensando se não existem, na real, dois clímax.

Mas a questão da linguagem me angustiou durante muito tempo. Como deixar claro os jogos de cena? As inter-relações? Como transpor os andaimes enquanto estruturas, e usá-los de forma a dar sentido às ações? De alguma forma, conseguimos. As horas longas de observação e repetição nos levaram a encontrar uma forma própria, em que os mundos pudessem se misturar, convergir. Ainda que não sem conflito. Sempre tive dificuldade para encontrar os conflitos nas peças que lia, e criar conflitos nas peças que eu escrevia ou dirigia. Essa peça se mantém pelo jogo e pelo conflito quase insolúvel.

A bem da verdade, Re, é que apesar de meus gritos, eu te amo. E foi um prazer trabalhar contigo nesses últimos meses. Um prazer dolorido, não nego. Mas sinto que é nosso, esse trabalho. E que temos muito ainda o que aprender um com o outro. Agora vou encerrando essa carta, pois são 1:17 da madrugada e eu preciso terminar esse relatório (e o TCC) nas próximas 36 horas. Eu amo você, Regina. E muito obrigado por essa montagem.

3.2 - Carta #2

Guilherme,

essa é a primeira carta que te escrevo em todos esses anos. Somos pessoas de comportamento diferente, mas é sempre um privilégio trabalhar com você. Há algumas

semanas você me fez a provocação de pensar os personagens Paco e Tonho a partir de uma relação com o Dionisíaco e o Apolíneo. Você me sugeriu pensar nas características que estes personagens tão diferentes compartilhavam. E eu sigo e penso na tensão vital trazida pela coexistência de ambos.

Há sete anos, quando eu ainda estudava na UFRJ, eu participei de uma disciplina de Teoria do Conhecimento III, dada pelo Professor Doutor Rafael Haddock Lobo. Todo o semestre foi dedicado ao estudo de Nietzsche. Em uma aula sobre Apolo e Dioniso ele falou duas memoráveis frases. Uma: Pensar Dioniso como Drag Queen (ou Drag King). E a segunda: Dioniso pode conter Apolo, mas Apolo não pode conter Dioniso; e desenhou no quadro um símbolo matemático de grupos (aqueles que a gente aprende na segunda série). No caso, ele se referia aos deuses. Mas digo que o caráter dionisíaco, enquanto Vontade de Poder, *pathos*, pode "invadir os domínios" do que é predominantemente apolíneo, e um aspecto disso é a *hybris*: a desmedida.

Tonho caracteriza-se por esse desejo Apolíneo. Mesmo nesse universo de pobreza, ele advém dos caminhos da ordem: estudou. Quer conseguir um trabalho honesto, uma rotina. Deseja e, principalmente, sonha com essas características apolíneas. Tonho compartilha desse princípio de individualização, funciona como a (tentativa de) manutenção da ordem, o caminho reto, seguro, que não deveria haver imprevistos. Mas há. E há o impulso dionisíaco. Neste caso, representado no auge por Paco, satírico, cheio de vida, vem com a alegria e a embriaguês. A perda do *metrón*, o descontrole, o *entusiasmo*.

Eu poderia sugerir analogias às figuras masculinas dos deuses, nesses dois modelos cruciais de homens: *o careta* e *o porra louca*. E as múltiplas tensões criadas por esses universos tão conflitantes, ainda que passíveis de coexistir. Nietzsche vai falar que da tensão entre Apolo e Dioniso nasce a tragédia (grega). No caso do "Dois Perdidos" e do "2 Fudid*s", nasce simplesmente a tragédia, numa seqüência de desmedidas e conflitos, até chegar na resolução absoluta: a morte. O assassinato. O crime passional. O momento em que o espírito dionisíaco apodera-se de Tonho.

No "2 Fudid*s" a relação das personagens fica ambígua, até por conta da troca de papéis no meio da peça. Eles se mesclam, se misturam... E em parte, Dioniso é isso. A dissolução de barreiras, metamorfose, ausência de limites. Outra coisa que Nietzsche diz

é: "o efeito mais imediato da tragédia dionisíaca é o de que as instituições políticas e a sociedade, ou em outras palavras, os abismos que separam os homens uns dos outros, desaparecem..." (NIETZSCHE, 1996, P. 55). Ele também vai completar e dizer que isso se dá diante um sentimento irresistível de reconciliação com a natureza. Bem, Guiguis, a gente sabe o quão violenta a natureza pode ser.

Eu acredito que "2 Fudid*s" tenha potencial diálogo com as questões advindas das tensões contrárias criadas por essas duas figuras: Tonho - Apolo x Paco - Dionísio. E trazendo essas figuras para os dias de hoje, poderíamos ter investido nesse Tonho "Cidadão-de-bem". Só acho. Nesse lado mais certinho dele, até o momento em que ele próprio, e sob a influência (e a mesclância) de Paco, e dentro do discurso da montagem, perante essas pressões, desse arquétipo inalcançável, que é a masculinidade, "perde o controle". E trabalhamos dentro dos aspectos de uma masculinidade que exalta todos os caracteres mais repressivos e opressores existentes nos "códigos de ser homem".

Agora vou-me indo. Espero que em algum momento essa carta realmente caia em suas mãos. Agora são 4:38... Eu poderia esperar mais dez minutos, mas isso já é outra peça. Eu tenho um carinho e uma admiração muito grandes por ti, Gui. Muito obrigado por esses anos e pelos meses de trabalho em conjunto. Eu sinto que o treinamento foi fundamental para o desenvolvimento das cenas e dos atores, principalmente para a criação das personagens e a manipulação com os andaimes. Eu sinto grandes estimas por ti.

3.3 - Carta #3

Fabs,

eu queria fazer agora uma louvação à Ave Maria, dando uma saída pela esquerda. Você é a chapeuzinho vermelho que corrói o ácido metalúrgico. Você é o ator, não duvida disso. Mas esse ano foi pesado, foi o mais pesado que consigo medir na progressão destes 25 anos. E você me perguntou em que consistia a minha pesquisa, e ela é bem simples. É estudar a construção, os mecanismos sociais que compõem a masculinidade. A seqüência é entender como eles operam em sociedade e como se relacionam na construção identitária do sujeito. O quanto a existência das masculinidades

são relevantes. Quais são os mitos por detrás? E como alcançar pelo individual esses mecanismos sociais e conseguir também tanger o mito? E como aliar ao sujeito-artista? E como criticar esse modelo de masculinidade vigente abrangendo isso tudo, ainda sendo meio pop e legal? Porque teatro tem que ser divertido, se não nem vale a pena fazer.

Eu só tenho perguntas. A cada processo eu aprofundo e coleciono perguntas. 2 Fudid*s foi mais um desses. Esse ano eu investiguei mais masculinidades que eu pude. E principalmente esse tipo de "Virilidade Criminosa", que nada mais é que a exacerbação do macho popular, só que sem os limites para a violência física e contenção emocional. É a idéia do jogo, da disputa, da caça, do território. Poder num dos seus sentidos mais primitivos. Tem uns artigos bem legais sobre isso e sobre outros tipos de virilidade naquele livro gigante da "História da Virilidade" que eu poderia te encaminhar depois. Esse é o capítulo 5, do volume 3. Editora vozes, pra quem interessar.

Eu percebi os seus estudos em relação a construção da masculinidade ao longo do processo. A referência do seu próprio irmão, que corrobora com esse estereótipo *vida louca periférico*, e todas as questões que isso implicava em ti enquanto sujeito, e também a propriedade nas ações e nos gestos mais sutis. Sua investigação acerca das personagens se configurou por uma sutileza minimalista, o que permitiu a você se aprofundar nessas personas. Um Paco juvenil, cheio de referencias que ouviu na rua, cheirado e cruel pra caralho, mas que no fundo é só um moleque que não quer ser abandonado mais uma vez, que já passou por merda demais. E um Tonho ensimesmado, mas trabalhador, comprometido, dedicado, mas com medo do fracasso, cheio de silencias (que podiam ter mais em cena) e segredos, quase um Oxalá velho, retraído. Enquanto Paco é Exu-Mirim. E sendo Tonho-Fabrício, assume-se para o discurso da peça um Tonho negro, gay e periférico. Bixa Preta que encara o mundo com afrontamento, mesmo diante de todas as violências que sofre cotidianamente. E isso também é um ato de representatividade de um tipo de masculinidade. Enquanto em paralelo ocorre a crítica direta ao modelo convencional.

Sabe, você é uma das pessoas mais aficcionadas por trabalho que eu conheço. Eu não consigo ser assim. São 5:48 da manhã e eu preciso dormir. Mas admiro isso em você e vejo como você vai se desenvolvendo e avançando em direção às suas metas e objetivos. Você tem talento e tem carisma, Fabrício, isso é inegável. E você é um dos

atores mais dedicados que eu conheço. Embora eu também te ache Zé Gracinha demais às vezes. Você e a Re fazem um ótimo time juntos, uma dupla com potencial incrível. Foi um prazer imenso trabalhar de tantas formas distintas com você esse ano. No fundo, eu sinto falta das oficinas. E eu te amo muito, apesar de toda minha grosseria.

3.4 - Carta #4

- Em algum momento distante no processo -

A vida é muita coisa, mas o teatro é muito mais... Porque o Teatro é só Vida.
(Fabrício Zavareze)

Eles se aquecem em harmonia. Trocam olhares, agitam os ombros, sorriem. Sincronizados, seus corpos se movimentam repetindo gesto por gesto em um tempo quase exato. Nesse espaço somos iguais, mas há uma película fina, praticamente invisível que nos separa. Apenas observo. Ela deita sobre suas costas, se esparrama.

- As vezes um peso na vida é bom, né? Ela se vira, e agora é a vez dele de deitar-se sobre ela. Eles jogam. há qualquer momento, eles jogam. E seus mentecorpos estão prontos; mesmo em silêncio ou falso repouso. Se levantam. Frente a frente seus olhos brincam. Em sua conversa há algo de ancestral, anterior a toda criação. São crianças mexendo com o fogo na beira de um rio

- Pessoas que sofreram abuso são muito fortes, mas elas se acham fracas demais. Controvérsia. Na verdade, elas se acham muito fortes. Consenso. A parede se rasga lenta, enquanto seu gesto me diseca aos poucos. Como cortes de um estilete impreciso que vai rasgando a carcaça de meu peito. O pai morde a mãe em um ato canibal. Você é linda. Vocês são lindos. E o amanhã não existe, só existe o agora. Enquanto eu sismo em fazer conjecturas de futuro, enquanto o agora me faz estremecer de medo. Eu tenho dificuldade de estar. (Eu não concordo!)

Na vida colecionamos as pessoas que vamos sendo. Água-Viva. Por isso as pessoas velhas são sábias... Até beber do rio do esquecimento, Lethos, e esquecer completamente de quem já fomos. As fotos são mortas (e toda comparação é burra). Um homem gay, negro, sentado no palco: Meu medo é me tornar o Tonho. Viver. A pior coisa é se arrepender na vida. Toda comparação é burra, e okay se for faísquinhas. Faíscas de vida no horizonte verde-castanho. Olha nos meus olhos. Conversa com a Noite no celular. Você quer ser o homem que salva peixes? Eu poderia inventar uma mentira e por nos jornais.

Down in a hole

*and I don't know
If I can be saved;
Look at my heart
I've decorated it like a grave.
Oh, you don't understand
who they thought I've supposed to be.
Look at me now,
I'm a man who don't let himself be.
(Down in a Hole - Alice in Chains)*

Menino Jesus, deus Pã carregando cruzeiros no sentido de um rádio. Revolta. Rosto vermelho de choro enquanto duas lágrimas timidamente caem. Tem gente que amou de verdade e está sofrendo. Agora, tem gente se aproveitando disso só pra se fazer. E eu vejo ele indo e se fodendo, o tempo todo. Se fodendo... O tempo todo. E isso me dá raiva. E o abuso... Não olha nos meus olhos, por favor, se não eu não vou conseguir aguentar. Um ensaio inteiro para saber como é ser gente.

(E lá fora tudo se desfaz)

3.5 - Carta #5

Camila,

já se passaram as tais 48h que eu tinha para escrever o relatório. Acho que hoje é minha data limite com vocês, né? Mas você me pediu para falar sobre a dramaturgia (nada mais justo) e falar sobre o processo. Sendo sincero, o que eu tenho para falar do processo? Solidão. Abandono. Completo estado de não saber o que fazer. O que eu queria fazer naquele momento? Para onde eu deveria ir? Era aquele projeto para o qual eu queria me doar? Eu já sabia da minha limitação enquanto pessoa e diretor, de não conseguir dar conta de mais de um processo por vez, e a minha dificuldade de unificar os esforços em um só objetivo.

E falar sobre esse primeiro semestre, onde o processo começou, é falar sobre perda. É falar sobre dor, é falar sobre fragilidade, insônia, terror noturno. É falar sobre drogas, álcool, penhascos. É falar sobre suicídio e loucura. Dois perdidos numa noite suja... Não, é dois fodidos mesmo. Dois, três, quatro, cinco... Seis, Camila. O final do Cleansed; a briga homérica durante a noite de ano-novo em Muriqui; a internação; a volta da internação. E tudo, sem saber o que fazer do estágio. Tínhamos a idéia de trabalhar

auto-ficção. A Re queria trabalhar algo em relação a loucura. O Fabrício tinha dado sugestões de peças para montarmos. Mas para onde iríamos? Para onde ir se você acredita que o único caminho possível é o fracasso, a morte, a loucura? Eu não consegui continuar dando aula no Hospital São Pedro, mesmo que eu amasse aquele trabalho. E amasse dar aula pro Brandon, mesmo que só ele viesse na oficina.

Num momento de conflito surgiu a idéia do Plínio Marcos. Dramaturgia brasileira. Quando eu estudava na UFPel eu participei por um semestre de uma pesquisa sobre as personagens marginais na dramaturgia brasileira. Passamos pelo Plínio, obviamente. Algo, no fundo da minha cabeça me disse: Dois perdidos numa noite suja. Relemos. Chegamos em consenso. Antes estávamos trabalhando com o Boal, usando os exercícios do "Arco-Irís do Desejo" e do "Teatro Fórum". Íamos, assim, de mansinho entre o turbilhão, investigando as relações de poder. O tema da masculinidade só foi ressurgir com força em meados de setembro, outubro. Tínhamos um texto e estávamos ainda a cegas.

Fiz a análise do texto com a Inês Marocco, precisava de ajuda para clarear as idéias. Precisava me esforçar para enxergar alguma coisa. Não tinha concepção nenhuma. Camila, como se dirige sem saber o que se quer? Sem saber o que se quer dizer, o que se quer pensar... As coisas durante o processo foram acontecendo de forma mansa, mas meio imprevista, aleatória. Ensaivamos 9h - 12h por semana. Algumas semanas 6h. Líamos o texto, escolhíamos a cena. Já havíamos direcionado, lá por agosto, alguma coisa em relação a questão do machismo e da homofobia. Mas tudo muito superficial ainda. Não nos demos férias, seguimos trabalhando, sem de fato conseguir avançar... Ai teve outra questão a ansiedade dos atores.

Fazíamos cronogramas que não davam muito certo. Voltamos a trabalhar com os exercícios de "Quem é você?". Essa era uma cena que eu queria que tivesse. Esse questionamento. O Fabrício não acreditava muito nessa parte da peça. Decidimos em algum momento que desfragmentaríamos o texto original do Plínio Marcos. Começaríamos no clímax, e voltaríamos, faríamos uma ruptura. Um "e se" possível. Como inverter os papéis? Como criar essa sensação que poderia ser qualquer outra pessoa a viver aquilo, ao mesmo tempo em que SÃO AQUELAS DUAS PESSOAS, Regina e Fabrício, que naquele momento estão sendo. Com todas suas complexidades...

Como a vida dos atores se relaciona com aquele universo de marginalidade, violência e pobreza? Na alteridade. Na memória do Fabrício. Nos pacientes que a Regina convive no S.U.S. Na homofobia sofrida pelo ator, no machismo sofrido pela atriz. Em outubro, eu comecei a ter mais clareza diante do processo. Na imaginação. Um dia a Ciça, enquanto tentávamos ensaiar uma cena que seria a cena da "loucura", chegou e perguntou pra Regina sobre a buceta. Lembramos de uma história que tinha acontecido, e começamos a refletir sobre. No fim da noite a Regina me pediu para escrever sobre, e que ela faria o mesmo. Naquele momento começamos a afinar o nosso discurso.

Quinta-feira à noite, sala escura: névoa de cigarros, música alta e cerveja. Conversa descontraída sobre as férias de verão. Acampamento na praia. Calor, barraca aberta. Pernas abertas da dona da casa, escancarada atrás da lona. Aonde já se viu? E ela bem louca dormindo com a perseguida pra fora da calcinha. Perseguida: palavra tabú, eufemismo jocoso. Particípio de vítima etimológica. Ao todo somos sete pessoas na sala, cinco mulheres e dois homens. Um dado que poderia parecer irrelevante, mas não é. Ah, foda-se se eu tava com a buceta a mostra. E dai? Pergunta sincera e direta, rodeada por risos de cumplicidade. Ai, mana, é que eu queria te preservar, né? Preservar... Do quê? Tava com medo que a buceta da K. saísse voando? Pupilas escuras, abertas, buscando compreensão. E como se pela primeira vez, vetado. Você não tá entendendo, cara. Meu riso, constrangido, de empatia pela revolta diante do estapafúrdio do senso-comum, de que a buceta tem de ser escondida, preservada, privada, protegida, negada. Negada enquanto existência. Perante o falo. Perante o não-falo. Mas quando se fala na presença da buceta?

Naquela noite, presente. Nos seis dos sete corpos que habitavam a sala. Nos seis pares de olhos, que em júbilo explodiram em gargalhada. Ai, Fabri, o gay que nunca viu uma buceta na vida, né? Meu deus, socorro, uma buceta, que que eu faço? Gehzuis. Olhos que procuram os meus na penumbra, a necessidade (do falo) de se apoiar. A exigência da manutenção do poder: fraternidade. Negada. A invisibilização e ridicularização do pênis perante a presença coletiva da vagina. O riso de escárnio e sentimento de vitória. Depois disso, silêncio por parte de quem sempre fala.

Então, a cena da loucura passa a ser a cena sobre o feminino. A Presença da Buceta. Encontramos um ponto no discurso: o falocentrismo. Percebemos os mecanismos machistas que o Paco usa para oprimir Tonho durante a peça. Aprofundamos as relações dos personagens; Nesse momento, eu já entendia mais ou menos para qual caminho a dramaturgia estava nos levando, então comecei a estruturar entre cortes e cenas do Dois Perdidos, ficando assim:

- 1 . Montagem
- 2 . Volta do Assalto
- 3 . Bixa Preta
- 4 . A Boneca do Paulão
- 5 . Quem é Você?
- 6 . A Presença da Buceta
- 7 . A Idéia do Assalto
- 8 . Slam
- 9 . Volta do Assalto pt. 2
- 10 . Desfecho

Foi difícil fazer eles acreditarem que eu já tinha essa concepção estruturada. Boa comunicação nunca foi o meu forte, e conforme a convivência crescia, pequenos atritos pessoais começavam a dificultar o diálogo pacífico. Contudo, fomos desenvolvendo o trabalho com bastante dedicação, e nos últimos meses afinamos nosso discurso com as cenas propostas, focando em uma crítica pessoal e contundente a todo um sistema social excludente e opressor.

A partir do momento em que você passou a ser mais presente nos ensaios, eu pude perceber a mudança de postura nos atores. Eles ficaram mais confiantes e contentes, e de certa forma, eu também. Todos os comentários auxiliaram no aprofundamento da encenação, e as soluções estéticas resolveram muitas questões. Você foi minha primeira orientadora na UFRGS e vai terminar sendo a minha última. Acho um bom fechamento de ciclo. É sempre uma honra e um prazer trabalhar contigo, Camila, mesmo que eu não transpareça muito isso e não seja uma pessoa muito presente, academicamente falando.

Com meu profundo carinho e respeito,

Ralph Duccini

4:

Precisamos Falar Sobre as Cores

4.1 - Texto Performance:

Ao animal do tempo! Ao cão quem! A Carne e a Outrem! Animais de cérebro, olhem a inscrição: aqui repousa o homem sem as coisas: tudo é sem mim. Eis os túmulos que estão gravados. Ele que escreveu na noite: Luz do mundo é sem razão. E ele diz: o mundo foi montado sem pedestal e nós obrigados a habitar em maca e não há nenhuma coluna no mundo que sustente ninguém que é. É uma palavra de um bailarino. Mesmo se os corpos desapareceram, o túmulo responde ainda e sempre a nossas perguntas e nós temos ainda as pedras dos nomes caídos das esferas e os sons dos tombados: Percorre, rapaz!

O túmulo responde.

Quem és tu, tu que és?

O que você estudou? Eu estudei a solidão.

Eu sou o homem a quem nada aconteceu. Prefiro me calar a não falar. Ele está ali, ele falou.

Eu nasci num dia em. Sobre a terra que me suporta como ela pode.

Como poderias dar o golpe? Sem saber em quem, em quê? É como se olhasse através de mim. Não me vêes com teus olhos. Nem sequer a tua espada me está justamente destinada... Deverias golpear com uma fórmula, uma oração: com outra fábula. Ainda somos iguais.

Eu havia previsto tudo... Eu quis cometer o meu crime! Eu o quis, conscientemente, não o nego! Causei a minha própria perdição, mas nunca supus que me veria assim consumido sobre estes rochedos, no cume deserto da montanha inabitável. Não vos limiteis, porém, descei a montanha junto a mim, vinde saber qual a sorte que me está reservada.

Ser ou não ser, é a única questão. Será mais nobre em nosso espírito (pomposo) sofrer pedras e setas com que a tortura, enfurecida, nos alveja? Ou insurgir-nos contra um mar de provocações e em luta pôr-lhes fim? Morrer... Dormir: não mais. Dormir... Talvez sonhar: eis onde surge o obstáculo.

Ulysses, Akira, Byron, Hamlet, Homero, Dante, Andreas Baader, Luke Skywalker, Mr. Crawley, Jean-Claude Van Dame, Sócrates, Tyler Durden, Hitler, Mr. White, Mussolini, Ozzy Ousbourn, Albert Einstein, Buck Angel, Jean Paul Sartre, Yukio Mishima, Alex Delange, Mark Sandman, Kaique Theodoro, Fernando Pessoa, Frederich Nietzsche, Musashi, Vinicius de Moraes, Raul Seixas, Octavio Paz, Albert Camus, Preciado... Uma legião de ossos que atendem por apenas um nome: homem.

Há 25 anos traçando a mesma jornada secular... Sou um argonauta de mim mesmo velejando contra um mar chamado sociedade...

Primeira regra: Questionar a própria masculinidade.

Meu corpo não é dócil... Não se nasce homem, torna-se...

Hermafrodita em pedaços que só confiou nele/nela encontra a sala ardendo em realidade e implora nunca acordar do pesadelo. E estavam todos lá: cada um deles. E eles sabiam meu nome enquanto eu escapava feito um besouro subindo pelas costas de suas cadeiras. Lembre-se da luz e acredite na luz, um instante de claridade antes da noite eterna.

Não me deixe esquecer.

4.2 - Carta Aberta

Falo do lugar que ocupo. No dia 4 de maio de 2017, em uma aula do Ateliê de Composição e Montagem, um diretor negou a oferta voluntária de trabalho de um ator. O motivo de sua recusa não consistia nos dois anos sem trabalho prático ou na aparência demasiado jovem para um personagem, originalmente, mais velho. O fato, em questão, é que o ator é um homem-trans.

No século XXI, neste prédio-instituição reside a minha angústia. Este mesmo diretor, homem, cis, branco, é gay. E sendo assim, pertence à “comunidade” LGBTQ (mais conhecida como “comunidade gay”). Dividimos pautas comuns, ambos

conhecemos o preconceito social que nos agride apenas por sermos quem somos. Contudo, ele não percebeu, no dia do acontecido, a dimensão do preconceito de sua “escolha”. Pois, como o mesmo me disse: na sua concepção e “devido ao momento político” em que vivemos um pai de família não *colaboraria* com sua encenação se feito por uma *guria*, em consequente, na sua lógica, se feito também por um homem-trans. Pois, ao que parece, o fato de eu ter dois cromossomos “x” me impede de, em cena, interpretar um papel masculino. Enquanto pessoa transgênera, ser homem nesta sociedade, vai para além dos conceitos da naturalidade, e passa a depender não só da aceitação do outro, mas também de sua “boa vontade”, que vem atribuída com condições físico-comportamentais.

Em uma sociedade falocêntrica temos a masculinidade como “natural”. E o argumento (senso-comum) irredutível é o pênis. Não o possuindo, a aceitação torna-se parcial e crucial, pois perpassa pelo olhar do outro e pela sua consciência. Se o outro cismar que eu não sou homem ou que não sou homem o suficiente, sua palavreado tem poder de me deslegitimar e expor. E aceitar como eu sou pode virar um caso de “boa vontade”. Só que esquecemos que o masculino (como qualquer conceituação de gênero) é uma construção social de moderação de Poder. Criamos padrões comportamentais e nos apoiamos na biologia médica para legitimá-los. Só que, com isso, esquecemos que é apenas mais uma convenção, e como tal, artificial e mutável: passível à transformação.

Mas vamos aos fatos: Eu não estive presente em tudo. Durante toda a discussão na aula do ateliê, eu estava na sala de convívio sendo mesário das eleições para o DCE. Sobre este momento, eu só sei o que me contaram. Por isso, não vou me estender para além da minha consciência. Durante a tarde de quinta-feira, separaram dois grupos de trabalho para que resolvessem a falta de ator no grupo dos diretores. Pela noite, eu não queria conversar. Não sabia o que tinha se passado, só sabia que tinha ido para outro grupo, e até então isso me bastava. “Vai ser rapidinho”, você disse como quem vai à padaria comprar pão. Eu não queria conversar naquele momento, mas você insistia em se justificar de uma coisa que eu não sabia. Claro que seria rápido e que obviamente eu “te entenderia”, pois é muito fácil aceitar as necessidades dos outros e as intenções dos outros passando por cima da minha própria... Só que não é.

Carlos, essa é a primeira vez que chamo seu nome em toda a carta. Sabe por quê? Porque você poderia ser qualquer um lá fora, você poderia ser qualquer outro diretor de teatro ou audiovisual que deixa de escolher ou dar oportunidade (e atenção) para atrizes e atores trans. Por preconceito. Pela falta do exercício do músculo da imaginação - que eu jamais levantei à meio-mastro a sua bandeira. Você como outros diretores pecam na capacidade humana. E prendem-se a um falso realismo retrógrado e contraproducente, que parece esquecer que o que fazemos é ficção. É ruído, ruptura instantânea no mundo cotidiano. Você parece se esquecer que lidamos com o campo do possível. De todos os possíveis. Nós somos os que tornam o possível em matéria. Somos quem molda os sonhos em carne. Somos quem de fato, mesmo que apenas pelo tempo de uma apresentação, cria um mundo novo, uma nova possibilidade de sociedade. Outra lógica de ser-agir. E você, como outros diretores, reafirmam, mais uma vez, toda essa força multipolarizada e invisível que nos oprime. E isso no nosso meio, no nosso *momento político*, só pode ser a maior contradição de todas. E isso é inaceitável. É cruel e inaceitável.

Ao negar a possibilidade de cena para alguém só porque esta não está dentro do nosso padrão hegemônico (euro-falo-heterocentrico), você não está só sendo um imbecil, você também está roubando, em partes, a humanidade dessa pessoa. Pois você estará pondo um rótulo, uma característica SECUNDÁRIA à frente do tamanho universo que aquela pessoa é. E isso, ah, isso sim é desumano. E principalmente mesquinho. Eu acho inconcebível deixar isso passar ileso. Passar impune aos nossos olhos já mal-acostumados em baixar as vistas.

Eu tenho medo de me expor. Eu não estou confortável fazendo isso. Mas, enquanto artista, enquanto humano, enquanto transgênero, pansexual, não-monogâmico, enquanto sonhador que sou, não posso deixar que isso MAIS UMA VEZ passe despercebido. Eu tenho voz para falar. Nós temos. E por acreditar que o mundo pode mudar se mudarmos nossas atitudes, eu não posso permitir que, no país que mais mata transexuais e travestis no mundo, dentro do Departamento de Arte Dramática, que consideramos uma bolha segura, atitudes como esta passem despercebidas. Atitudes assim não podem mais se repetir neste departamento. Precisamos refletir sobre esse *cistema* que nos impõem corpos “aceitáveis” e corpos “marginais”. – como diria

Torquato Neto: *é preciso estar à margem da margem*. E nós estamos à margem de muitas margens por aí. Mas não façamos da nossa “marginalia” um espelho enfeitado do que nos oprime, do que nos violenta e nos mata porta à fora dessa Universidade. Sejam honestos com nós mesmos e generosos com outrem.

Com meu mais sincero respeito e afeto,

R. Duccini

Porto Alegre, 4 de maio de 2017

P.S.: A revolução não vai ser arco-íris, a revolução vai ser furta-cor. Ela só vai acontecer quando todas as cores se misturarem em um harmonioso intercâmbio de tons; somente quando o fator Humano for maior que os outros (incluindo o capital).

4.3 - Do lugar que ocupo

Talvez tenham sido os motivos que me levaram a fazer esta performance, que também me trazem agora a escrever este TCC. Falar do lugar que ocupo... Mesmo tendo a dita "passabilidade cis" (no caso, pela aparência não ambígua perante o gênero com o qual me identifico, e ser lido, a não ser que eu conte, como um homem "biológico"), eu inegavelmente sou transexual. E isso implica, que na nossa sociedade, a partir da ciência do fato, a forma como me vêem passa a ser diferente em relação aos demais homens. Pode passar a ser arbitrária.

Então como pensar esse outro ponto na existência? Um lugar onde existe dualidade. Os direitos à cidadania são escassos, e os ataques que fazem são para invalidar a própria existência. Então como falar desse lugar de resistência e Re-existência? Esse lugar da metamorfose, e da necessidade de autoafirmação, perante um ambiente que nega essa possibilidade? Que tipo de esforço é necessário para que uma existência, para que uma gama de existências passe a ser reconhecida em suas completudes? E nós ainda vivemos no país em que mais matam-se transexuais...

O ambiente acadêmico, apesar de considerarmos uma "bolha segura", também apresenta atitudes transfóbicas, desumanizantes e burocráticas. Fazer uma monografia em que esses assuntos sejam pauta principal, passa a ser uma atitude necessária enquanto

sujeito-artista-acadêmico. É preciso falar desse lugar outro, por tanto tempo marginalizado. E relacionar a vida com a *poiésis*, com a criação e a reflexão estética como forma de *vir-a-ser* é a forma que encontro para trazer essas questões em relação. Talvez precise pensar melhor sobre o olhar do outro, tão poderoso que é capaz de decretar uma sentença de vida ou morte. Mas por hora, dentro do que me cabe, *eu só sei falar de mim...*

Bibliografia:

BARBA, Eugênio. *Queimar a Casa: origem de um diretor*. 1 Edição. Editora Perspectiva: 2010. 304 páginas.

BOGART, Anne. *A Preparação do Diretor*. 1 Edição. São Paulo: WMF Martin Fontes, 2011. 160 páginas.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. 11 Edição. Editora Pensamento: cidade? ,1995. 416 páginas. _____ *O Poder do Mito*. 29 Edição. Cidade: Editora Palas-Athenas, 2010. 242 páginas.

HOUSTON, Nancy. *A Espécie Fabuladora: um breve estudo sobre a humanidade*. 1 Edição. Porto Alegre: LP&M Editores, 2010. 144 páginas.

KANE, Sarah. Complete Plays. 1 Edição. Londres: Bloomsbury, 2010. 270 páginas.

MARCOS, Plínio. *Dois Perdidos Numa Noite Suja*. 1962. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/vestibular/Vest2013_1/Editais/DOIS_PE_RDIDOS.pdf

NIETZSCHE, Frederich. O Nascimento da Tragédia. 1 Edição. Rio de Janeiro: Companhia de Bolso, 2007. 184 páginas.

PRECIADO, Paul. *Testo Yonqui: sexo, drogas y biopolítica*. 1 Edição. Buenos Aires: Paidós Argentina, 2014. 330 páginas.

PRECIADO, Paul; *Manifesto Contrassexual: praticas subversivas de identidade sexual*. 1 Edição. N-1 Edições, 2014. 224 páginas.

VIGARELLO, Georges, CORBAIN, Alain e COURTINE, Jean-Jaques. *A História da Virilidade: Volume 1, A invenção da virilidade, da antiguidade às luzes; Volume 2, O triunfo da virilidade, século XIX; Volume 3, A Virilidade em Crise? Século XX - XXI*. 1 Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. 1771 páginas.

Sites:

Confraria da Virilidade

<<http://confrariadavirilidade.blogspot.com.br>>

The Art of Manliness

<<https://www.artofmanliness.com>>

Modéstia Masculina

<<http://modestiasaojose.blogspot.com.br/2016/05/virtude-vir-virilidade-homem.html>>

<<http://modestiasaojose.blogspot.com.br/2017/12/ruina-da-masculinidade.html>>

Revista Fórum

<<https://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2016/06/21/masculinidades-nao-idiotastransvivo/>>

Tudo Para Homens

< <https://tudoparahomens.com.br>>

Testosterona

< www.testosterona.blog.br>

Papo de Homem

< <https://papodehomem.com.br/masculinidade-e-violencia>>

Revisão do livro Gilmore, David D. *Manhood in the Making: Cultural Concepts of Masculinity*. New Haven & London: Yale University Press, 1990. xiii+258 pages", por TAKAHIRO, Ôtsuki. Tokyo University of Foreign Studies.

< <http://asianethnology.org/downloads/ae/pdf/a895.pdf>>

Sujeito Homem

< <https://www.facebook.com/OSujeitoHomem/>>

Orgulho de Ser Hétero

< <https://www.facebook.com/OrgulhodeserHetero/>>

O Homem Católico

< <https://www.facebook.com/homemcatolico/>>

Homem de Caráter

< <https://www.facebook.com/Homemdecarater.oficial>>

Homem com H

< <https://www.facebook.com/homemcomhmaiusculo> >

Discografia:

Esú - Baco Exú do Blues (2017)

Bixa Preta – MC Linn da Quebrada (2017)

Glória Groove – Império (2017)

Flora Matos – Preta de Quebrada (2017)